

## Para pesquisador, falta 'ciência' na segurança

Estudo de sociólogo mostra estatísticas criminais do Rio de 1907 até hoje

### RODRIGO MORAIS

RIO - Não há política de segurança pública com base científica no Brasil. A afirmação é do sociólogo **Michel Misse**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (**UFRJ**). À frente do **Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana**, Misse trabalha em pesquisa inédita, reunindo estatísticas criminais do Rio de 1907 aos dias atuais. O trabalho começou há um ano e traz dados desconhecidos, como os que vão de 1953 a 1959. Os números revelam que na década de 50 o Rio já tinha altas taxas de homicídio.

Outra conclusão é de que o crescimento da violência, cujo ápice foi na década de 90, é o resultado de uma tendência histórica.

Uma das consequências da falta de bases científicas é o baixo índice de esclarecimento de crimes violentos. "Mais de 90% dos homicídios na cidade não são esclarecidos. Se isso acontece, a taxa de impunidade é altíssima, o que significa que o custo de matar é baixo. Se tivéssemos metodologia científica, teríamos resultados melhores."

Segundo ele, a polícia brasileira se acostumou a arrancar confissões. O problema é que muitas vezes esses depoimentos acabam sendo invalidados pela Justiça por falta de provas.

**Passional** - O mito de que o Rio da década de 50 era um mar de tranquilidade também sai arranhado da pesquisa. "A taxa anual de homicídios oscilava em torno de 10 mortes por grupos de 100 mil habitantes na cidade. Na Argentina, não passava de 2 mortes por 100 mil pessoas."

A diferença, de acordo com ele, é que boa parte dos crimes era passional, de mais fácil solução porque envolvia pessoas conhecidas. Os casos ficavam restritos à periferia e às favelas. Só na década de 70, quando atinge a classe média, o crime passa a ter mais visibilidade. "A cidade não era tão maravilhosa em 50. O medo da violência já estava nos jornais. Na década de 60, a imprensa começou a dizer que o Rio era uma nova Chicago."

Os índices de homicídio só passam a apresentar queda na segunda metade dos anos 90. "Esses últimos anos são os primeiros em que há diminuição constante, entre 1995 e 1999."

Mas a queda pode ser temporária. "Parece que vamos entrar num novo ciclo de alta, pois as taxas dos últimos meses assinalam crescimento."

**Drogas** - Na opinião do especialista, o tráfico em si não seria uma explicação para o elevado número de mortes em cidades como Rio e São Paulo. "O tráfico existe no mundo inteiro, mas não produz violência tão grande. A questão é a associação do tráfico com a desigualdade social".

### Fonte:

**O Estado de São Paulo, domingo, 05 de maio de 2002.**